



POESIA PARA A PROSA

Lendo um Soneto de Camões em Tempos de Pandemia

Cesar Augusto de Oliveira CASELLA¹

MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança,
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades,

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança,
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E enfim converte em choro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto.
Que não se muda já como soía.

(Luís de Camões (2018 [1595]))

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ); Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (DLA-IEL/Unicamp). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina). Endereço eletrônico: <cesar.casella@gmail.com>.

O POETA DE UM MUNDO EM TRANSIÇÃO

Em *Luís de Camões então e agora*, Helder Macedo procura mostrar como Camões “[...] viveu num mundo em transição entre verdades recebidas e certezas ainda por conhecer.” (2010, p. 15). Uma transição, em vagos termos históricos, entre os fins da Idade Média e o início do Renascimento. Por isso, é possível notar que a produção lírica de Camões, formal e tematicamente, apresenta “[...] duas vertentes: a que se inspira em valores estéticos medievais e a que se liga aos valores do período renascentista.” (CASTRO, 1984, p. 94). Aspecto que se materializa – para além do épico (*Os Lusíadas*), do teatro (3 peças) e da correspondência (4 cartas) – na produção lírica de Camões, na qual convivem 329 composições “[...] nas formas mais variadas: redondilhas, sonetos, canções, éclogas, odes, oitavas, elegias, labirintos, e uma sextilha.” (MACEDO, 2010, p. 22).

Camões, como lembra Helder Macedo, foi “[...] o primeiro poeta europeu com prolongada experiência direta de mundos e culturas tão diferentes da sua quanto eram então as da África, da Índia, da Indochina.” (2010, p. 16). Vê-se que o mundo em transição não é uma abstração, mas uma realidade geopolítica na vida do poeta. E mais: a transição não tem só a dimensão temporal, tem também a dimensão espacial.

Esta posição de entremeio é que faz com que o discurso camoniano, mesmo estando inserido na tradição ocidental (calcada em Dante, Petrarca e, grosso modo, no neoplatonismo renascentista), apresente uma profunda originalidade que “[...] manifesta-se nos sutis deslocamentos semânticos que impôs a essa tradição, modulando a linguagem do passado para significar uma nova visão do mundo para a qual ainda não havia linguagem feita.” (MACEDO, 2010, p. 16). Camões expressou as novas experiências da vida individual no mundo real, as quais contrapõem o relativismo da ordem humana – Macedo sugere que esta seja na verdade uma desordem... – ao absoluto da ordem divina.

A peregrinação registrada na sua obra aponta para qualquer coisa de tão indefinível, mas revolucionariamente tão moderno, quanto é o direito à felicidade na terra. Foi, assim, um poeta mais da dúvida do que da certeza, da ruptura mais do que da continuidade, da experiência mais do que da fé, da imanência mais do que da transcendência, de uma sexualidade indissociável da espiritualidade do amor e, no fim da sua demanda, de uma fragmentação encontrada no lugar da felicidade desejada (MACEDO, 2010, p. 16).

O poeta de um mundo em transição que traz um discurso poético da incerteza, da ruptura, da experiência (da experimentação...), da imanência e da fragmentação, próprias ao chamado sujeito pós-moderno (pelo menos como este parece ser entendido desde Zygmunt Bauman e Stuart Hall).

LENDO O SONETO DE CAMÕES

No antológico *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* apresenta-se o tema da mudança, importante em Camões e em muitos de seus contemporâneos, com uma fluidez, uma musicalidade e um ritmo que fazem deste soneto “[...] uma espécie de aula de poesia renascentista.” (HUE, 2018, p. 85). E como explica Sheila Hue em seu comentário:

O belo início do poema com as repetições anafóricas e os versos bimebrados (*mudam-se/mudam-se; muda-se/muda-se*) cria o próprio som e ritmo daquilo que muda constantemente, em ciclos, em ondas, e é arrematado, no primeiro quarteto, ainda pela suave anáfora sonora (todo/tomando). Tudo muda, a vida é marcada pela instabilidade, tanto dos eventos externos (*tempos, qualidades*) quanto da própria subjetividade humana, do que há no interior de nós mesmos (*ser, vontades*). (HUE, 2018, p. 85, *grifos no original*)

Entretanto, no decurso da vida, diz o discurso poético presente no soneto, há mais acontecimentos maus, daqueles que deixam mágoas na lembrança, do que bons, se é que os

há. Utilizando-se de lugares poéticos comuns, por serem frequentes, Camões assinala que o doce canto do passado, por ação do tempo, vira choro no presente, assim como a primavera (verde manto) é substituída pelo inverno (neve fria).

No último terceto, como a tradição consagrar, há o fecho de ouro: Embora o natural seja que tudo mude continuamente, houve uma mudança extrema, de maior espanto: “[...] já não se muda como costumava ocorrer. O mundo está em desconcerto, fora do lugar [...]” (HUE, 2018, p. 86). Algo deslocado ou desencaixado, fora do eixo, o mundo não oferece mais a possibilidade de uma nova mudança, de uma nova primavera após o inverno, em termos de lugares comuns poéticos.

Sem mudar, o mundo entra em uma espécie de hiato, em que o presente torna-se contínuo – e as verdades, mesmo as falsas, não convencem mais... – e o futuro – de fortuna ou desventura?... – não se deixa entrever. Uma lacuna que não deixará mágoas ou saudades, os frutos (amargos ou doces) da mudança. Neste tempo suspenso, não se mudará as vontades, nem a confiança, nem as qualidades, nem o ser.

O soneto de Camões tem, obviamente, as suas condições de produção, o seu histórico de circulação, o seu arcabouço de leituras e comentários, a sua interdiscursividade e as suas intertextualidades. Porém, e talvez justamente por isso, ao se mobilizar o já-dito – pense-se em Pêcheux e na Análise do Discurso afim – e ao fazer emergir a memória discursiva, os deslizamentos de sentido são muitos, permitindo um novo encaixe.

Em tempos de pandemia, que atinge e põe em suspensão – e em suspeição – um planeta globalizado, hipertecnológico, polarizado e quase todo consumido, o mal maior pode ser a falta de mudança e a reflexão pode levar a pensar que se vive, como Camões há quinhentos anos, um “[...] mundo em transição entre verdades recebidas e certezas ainda por conhecer.” (MACEDO, 2010, p. 15).



REFERÊNCIAS

CAMÕES, L. *20 Sonetos*. Introdução e comentários de Sheila Hue. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

CASTRO, M. J. S. R. B. de. A vida e a lírica de Camões. *Revista de Letras*, n. 7, Fortaleza, 1984.

HUE, S. Comentário ao soneto IX. In: CAMÕES, L. *20 Sonetos*. Introdução e comentários de Sheila Hue. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MACEDO, H. Luís de Camões então e agora. *Outra Travessia*, n. 10, Florianópolis, 2010.

Envio: Agosto de 2020

Aceite: Julho de 2021